

MABAIA MANZUNGU TRATADO DE DEVERES E DIREITOS

María Arminda Miranda e María del Rosario Martins

Museu da História Natural e CIAS
Centro de Investigação em Antropologia e Saúde
Universidade da Coimbra - Portugal

Resumo

Mabaia manzungu (*libaia linzungu*, sing.), Esta colecção, recolhida durante dez anos a partir de 1948 pelo missionário José Martins Vaz, encontra-se actualmente em depósito no Museu Antropológico da Universidade de Coimbra.

Para explicar o conceito desta tradicional forma de comunicação na sociedade e cultura Woyo, torna-se essencial compreender a organização que lhe está subjacente, ou seja, não só avaliar quais os significados utilizados e as convenções do seu funcionamento enquanto práticas de representação mas, também, o sistema de permuta inter-familiar, elemento estruturante das ligações sociais do grupo.

As circunstâncias de oferta mais comuns inscreviam-se nas relações de parentesco:

- durante o ritual de casamento
- ao filho ou filha, sobretudo antes do casamento
- no seio do casamento, entre cônjuges
- mais raros, exemplares que traduzem a harmonia do casal.

Para conhecer o uso das *Mabaia Manzungu* enquanto corpo de um *Tratado de Deveres e Direitos*, importou definir o discurso e inventariar os motivos que funcionavam como símbolos num diálogo sem palavras que lança desafios à tradição oral. O cruzamento entre aspectos socioculturais e transdisciplinares levam-nos a interrogar sobre questões de identidade local, global e diversidade cultural.

Palavras-chave: Tampas de panela. Cultura material e imaterial. Comunicação. Simbolismo. Angola

MABAIA MANZUNGU TRATADO DE DEBERES Y DERECHOS

Resumen

Entre grupos del Congo existió en Cabinda, al noroeste de Angola, una tradición gráfica ancestral observada en los artefactos de uso cotidiano o ritual sobre la cual se han realizado muchísimas investigaciones interdisciplinarias. Se propone aquí un análisis de estas prácticas, tomando como soporte de estudio una notable colección de *Tapas de Cacerolas - mabaia manzungu (libaia linzungu, sing.)* donde se inscriben algunos de los aspectos más relevantes de la cultura material y la tradición oral del pueblo Woyo.

Esta colección, recogida durante diez años a partir de 1948 por el misionero José Martins Vaz, se encuentra actualmente en el depósito del *Museo Antropológico de la Universidad de Coimbra*. Los motivos esculpidos en la superficie de los objetos representan referentes de palabras clave, traducidas en locuciones verbales que constituyen el núcleo de la cultura inmaterial. Proverbios, sentencias, cuentos e historias establecen la grilla que permite seleccionar el valor simbólico correspondiente al contexto de cada mensaje.

Para explicar esta forma tradicional de comunicación existente en la cultura Woyo, se torna esencial comprender la organización subyacente. No sólo se deben evaluar los significados utilizados o las convenciones de su funcionamiento como práctica de representación, sino el sistema de intercambio entre familias como elemento estructurante de las conexiones sociales del grupo.

La mayoría de las ofrendas se inscriben en las relaciones de parentesco, a saber:

- *durante el ritual del casamiento;*
- *al hijo o a la hija, generalmente antes del casamiento;*
- *entre cónyuges, en el momento del casamiento;*
- *menos comunes, los ejemplares que traducen la armonía de la pareja.*

Para conocer el uso de las *Mabaia Manzungu* como cuerpo de un *Tratado de Deberes y Derechos*, es importante definir el discurso e inventariar los motivos que funcionaban como símbolos en un diálogo sin palabras que lanza desafíos a la tradición oral. El entrecruzamiento entre aspectos socioculturales y transdisciplinarios lleva a interrogarse sobre cuestiones referentes a la identidad local y global y a la diversidad cultural.

Palabras clave: Tapa de cacerola. Cultura material e inmaterial. Comunicación; simbolismo. Angola.

MABAIA MANZUNGU TREATY OF RIGHTS AND DUTIES

Abstract

An ancient tradition existed between the Congo group from Cabinda (North-Western Angola), founded in everyday and ritual artifacts, on which extensive and multidisciplinary research has been produced.

In this paper this practice will be examined, supported by the study of a remarkable collection of pot lids called *Mabaia Manzungu* (or *Libaia Linzungu*, in singular), which shows some of the most important aspects of material culture and oral tradition of the Woyo people. This collection, gathered from 1948 over ten years by the missionary José Martins Vaz, is currently in storage in the Anthropological Museum at the University of Coimbra.

The sculpted designs on the surface of these objects represent keyword phrases which translate into verbal expressions the core of immaterial culture: proverbs, sentences or stories, setting the grid to select their symbolic value and contextualize each message. To explain this traditional way of communication within the Woyo culture, it is essential to understand the organization behind it, not only used to evaluate the meanings and the conventions of its functioning, but also the system of familiar exchanges as structural elements of the social connections of the group.

The most common offerings inscribed within the kinship bonds were:

-During the marriage ritual

-To the son or daughter before marriage

-Within marriage, between the married couple

-Less common, examples of harmony within the couple

To understand the use of *Mabaia Manzungu* as a *Treaty of Rights and Duties*, it is necessary to define the arguments and to identify the motivations that functioned as symbols in a dialogue without words, challenging the oral tradition. The crossroad between social, cultural and transdisciplinary aspects leads us to question local identity and global cultural diversity.

Key words: Pot lids. Material and immaterial culture. Communication. Symbolism. Angola.

MABAIA MANZUNGU TRATADO DE DEVERES E DIREITOS

Maria Arminda Miranda e Maria do Rosário Martins

Museu da História Natural e CIAS
Centro de Investigação em Antropologia e Saúde
Universidade da Coimbra - Portugal

Introdução

Existiu, entre grupos Congo, Cabinda (Noroeste de Angola), uma ancestral tradição gráfica observada em artefactos do quotidiano ou rituais, acerca da qual se têm produzido inúmeras pesquisas em domínios multidisciplinares.

O tema da presente comunicação remete para uma das possíveis reflexões em torno de um grupo específico de objectos – testos ou tampas de panela, outrora incorporados nos saberes tradicionais da cultura Woyo, enquanto veículos transmissores de ideias expressas por formas e símbolos intrinsecamente associados ao riquíssimo acervo da oralidade africana.

Propõe-se a análise desta prática tomando por suporte de estudo uma notável colecção de Tampas de Panela - *Mabaia Manzungu Libaia Linzungu*, (sing.), onde se inscrevem alguns dos aspectos mais relevantes da cultura material e da tradição oral daquele povo, recolhida a partir de 1948 por José Martins Vaz, actualmente em depósito no Museu Antropológico/ Museu de História Natural da Universidade de Coimbra.

Os motivos plásticos esculpidos na superfície representam referentes de palavras-chave traduzidas em locuções verbais que constituem o cerne da cultura imaterial – provérbios, sentenças, contos, narrativas históricas – e estabelecem a grelha que permite seleccionar o valor metafórico preciso e adequado ao contexto da mensagem.

De facto, o interesse pela estrutura subjacente aos citados padrões plásticos leva-nos a nunca perder de vista que tradicionalmente em África, além do discurso trivial de todos os dias, a comunicação praticava-se sob a forma da palavra, normalmente designada literatura oral e a destacar dois aspectos fundamentais:

- a recorrência do uso de motivos plásticos para dar corpo a tradições verbais;
- a importância de precisar que a descrição dos testemunhos gráficos, em qualquer circunstância ou tipo de suporte, se desenvolvia com a precisão de identificar quem escrevia a quem, para transmitir o quê e em que contextos, muito embora quanto à questão da identidade do emissor e do receptor J. M. Vaz aponte algumas excepções (Vaz, 1969: 743-773).

Para chegarmos a estas formas de representação gráfica será necessário recorrer ao modo como está estruturado o universo espiritual do homem africano no seu cosmos tradicional e depois relacioná-lo com o imaginário social e suas criações artísticas (Serrano, 2001: 19).

Caracterização das *Mabaia Manzungu*

Eram normalmente esculpidas por homens, a partir de uma única peça de madeira da árvore “*sa-sanga*” (*Ricinodendron africanum* Muell-Arg.), cuja simples pega ou saliência funcional viria a ser substituída por um número variável de figuras esculpidas susceptíveis de leitura ideográfica, e respectiva interpretação aforística, isto é, de alocações sintéticas de grande densidade semântica (Martins, 1968: 16-17).

J. Martins não localiza o início do que considera ser uma prática estruturante das relações sociais do grupo em estudo, mas descreve alguns dos aspectos mais relevantes da cultura material que lhe está associada. A troca de mensagens entre cônjuges e demais familiares, embora pudesse ocorrer sobre utensílios domésticos e objectos do quotidiano - cabaças de vinho de palma, potes para água e pentes, efectuava-se, normalmente, através de dois suportes privilegiados: em esteiras e testos ou tampas que cobriam os recipientes destinados à preparação de alimentos.

As circunstâncias de oferta mais comuns inscreviam-se na vida doméstica, numa estreita rede de ligações de parentesco, entre marido ou mulher ou entre pais e filho ou filha contendo, fundamentalmente, a mensagem implícita dos princípios inerentes a uma boa relação conjugal:

- a) durante o ritual de casamento a família dos nubentes permutava a oferta de testos colocados sobre a respectiva troca de alimentos para deixar explícito o tratamento que a cada um deles correspondia;
- b) era comum a oferta daqueles artefactos ao filho ou filha, sobretudo antes do casamento, antecipando os problemas mais comuns e a resolução dos mesmos, ou ministrando conselhos;
- c) no seio do casamento ocorria, com frequência, a oferta entre cônjuges quando um deles considerava, relativamente ao outro, ser necessário chamar a atenção de comportamentos tidos por impróprios, ofensivos ou negligentes;
- d) mais raros, mas existentes, são os exemplares que traduzem o bem-estar e harmonia do casal (Vaz, 1969: 177-179).

A maioria das tampas esculpidas foi oferecida pela mulher ao marido, talvez pela importância e proeminente posição que esta tinha no seio do grupo, marcadamente matrilinear, independente e não inferior ao homem material e socialmente. Neste tecido de relações evidencia-se a figura feminina designada por *makunda*, espécie de juiz, protector das mulheres face às eventuais arbitrariedades masculinas (Gerbrands, 1957: 116). (Fig. 1).



Fig. 1 - Testo oferecido pela mulher ao marido. MAUC. D.84.1.390

Para explicar e definir o conceito desta forma de correspondência na sociedade e cultura Woyo tradicional tornou-se essencial compreender o paradigma subjacente àquela prática de representação, ou seja, avaliar quais os símbolos utilizados e as convenções do seu funcionamento enquanto sistemas de comunicação. Um facto se destacava recorrentemente: a utilização sistemática de motivos plásticos seguidos da respectiva associação ao provérbio ou provérbios que estabeleciam a interpretação dos conceitos.

Na perspectiva de Serrano (2002-2005: 164) os provérbios expressam em si mesmos uma forma de reter a experiência humana, com fins moralizadores, sendo possível categorizá-los como um saber baseado na memória. O recurso àquelas práticas, comum a quase toda a África tradicional, fixa o saber ancestral.

Organizar a estrutura que suporta o discurso equivaleu a inventariar uma enorme panóplia de motivos, zoomórficos, fitomórficos, astrológicos, antropomórficos, que funcionavam como sinais ou símbolos ideográficos, e esclarecer as convenções que definiam as suas propriedades enquanto representações simbólicas.

As tampas de panela decoradas em relevo eram previamente encomendadas por alguém da família a um artesão e substituídas na hora da refeição, na casa dos homens, tradicionalmente ao fim do dia (Mcguire, 1980: 55). Como os cônjuges comiam separadamente, quando a mulher pretendia arguir o marido por qualquer motivo da sua conduta e censurá-lo, cobria a panela com a nova tampa que incluía um provérbio apropriado à situação, escolhendo a presença de amigos do cônjuge. Cabendo ao homem a qualidade de ofertante, depois de ter comido guardava a tampa que cobria a panela e substituí-a pela nova sendo, contudo, costume socorrer-se de um mediador para entregá-la à esposa, predispondo-se este a dar as explicações necessárias. Assim, o que antes era restrito a marido e mulher agora passaria ao conhecimento e envolvimento da comunidade (Gerbrands, 1957: 115).

Para as diversas ocasiões de fricção entre marido e mulher, esta deveria ter prontos vários tipos de tampas esculpidas, transmitidas de mães para filhas ou pela avó quando as jovens se casavam, tanto com o fim de aconselhamento como pela antevisão da necessidade de utilização.

Se não existisse uma adequada a um caso particular era feita por encomenda, ouvido o *nkotikuanda*, sábio da aldeia, versado na tradição e no imaginário dos provérbios, o qual dava as instruções convenientes ao escultor e quando tinham dificuldades em interpretá-las recorriam aos conselhos de um ancião (Mcguire, 1980: 56). Gerbrands (1957: 115) retoma a perspectiva de que entre os povos do baixo Kongo o divórcio devia ser evitado e o casamento preservado uma vez que envolvia troca de presentes entre as duas famílias e alguns deles já não podiam ser restituídos sob pena de originar sérios problemas. A troca de presentes refere-se ao alambamento (dote de casamento) que, segundo Vaz (1970a: 261) materializava os sacrifícios do noivo mostrando o desejo de casar, embora associado a interesses materiais.

As tampas de panela eram, na maioria dos casos, cuidadosamente preservadas pelas mulheres, não só para poderem ser usadas em diversas ocasiões mas porque as mais idosas as conservavam como “uma parte da sua vida, um evento que lembrava uma ocasião triste ou feliz na vida de casada” (Gerbrands, 1957: 115).

História da colecção

Em 1948 José Martins Vaz iniciou, em Cabinda, um percurso de 10 anos dedicado à actividade missionária a que associou, tal como outros seus confrades, uma particular atenção ao carácter metonímico comum às fórmulas da oralidade, provérbios, adivinhas e fábulas, praticadas pelos Woyo, com um interesse específico pela decifração dos conteúdos simbólicos inscritos nos testos de panela.

Na introdução da obra *Filosofia Tradicional dos Cabindas*, Estermann (Vaz, 1969: 11) analisa: *o que caracteriza essencialmente os testos não é o facto de serem esculpidos e terem um certo valor artístico, mas sim a particularidade de, por meio deles, se transmitirem mensagens, se assim podemos dizer. São como que cartas dirigidas a alguém, segundo a expressão do autor da obra.*

As circunstâncias de uma relevante e decisiva proximidade aos indivíduos mais idosos e mais conhecedores dos tradicionais preceitos de comunicação permitiu a realização de um trabalho de campo profícuo, alicerçado na observação directa e na recolha de um notável conjunto patrimonial expressivo da cultura material e espiritual daquele povo.

O projecto foi iniciado com a progressiva obtenção de exemplares, alguns dos quais se encontravam deteriorados em diferenciados graus, sendo que os mais danificados e incompletos foram desde logo repetidos e substituídos pela mão de quem antes, a pedido expresso, os havia executado.

A colecção cresceria na sequência de novas aquisições e da continuada reprodução de modelos originais cedidos pelos proprietários, ou seus descendentes, que não os desejavam vender, e por europeus que, tendo-se igualmente interessado pelo tema, os haviam adquirido.

Martins Vaz adverte que a imitação foi levada ao limite pelo uso artificial do objecto: *Esses 101 testos – dos 276 que formam a nossa colecção – não são originais, mas são exactos. Verdadeiros e autênticos “fac-simile”*

dos que tivemos ou vimos. Para facilidade de identificação indicamo-los, no presente estudo, com “R” (Representativo), logo a seguir ao seu número de ordem... Para se “parecerem” com os originais entregámo-los às cabindas, e também aos alunos da Missão. Mas não foram tão cuidadosos como as suas avós, nem estavam acostumados a usá-los; por isso alguns sofreram os efeitos do calor e do fogo. Depois a pressa em os tornar “parecidos” com os originais deu, como resultado, ficarem alguns um pouco queimados (Vaz, 1969: 27). (Fig. 2).



Fig. 2 – Testo oferecido pelo homem à mulher, parcialmente queimado. “R” MAUC. D.84.1.224

Desde 1984, na sequência de um acordo estabelecido com o Museu do Instituto Superior Missionário do Espírito Santo, Carcavelos, tornou-se um privilégio e acrescida responsabilidade para o Museu Antropológico da Universidade de Coimbra acolher, a título de depósito, 267 artefactos dos 276 divulgados pelo P.^o José Martins Vaz que, concluída a fase de recolha, os havia confiado à congregação religiosa de que era membro.

A pesquisa

O metódico processo colecionista, finalizado em 1954, foi coordenado com a pesquisa no terreno, e reforçamos, caracterizada por uma grande proximidade aos grupos informantes. Tornava-se fundamental conhecer a exacta relação entre o signifiante, figura traduzida em provérbio, e o respectivo significado, tal como era indispensável saber tecer a articulação sequencial dos ideogramas.

Os testos ainda existentes pareciam estar nas mãos e na lembrança dos mais velhos, essenciais para a compreensão dos artefactos em estudo. Segundo Estermann, foi praticamente *impossível conseguir tal decifração, sem recorrer aos velhos do povo Woyo, uma vez que são os únicos depositários válidos e orais da sua cultura. Foi graças ao seu auxílio que Martins Vaz pôde reunir uma colecção de 276 peças e, o que é mais importante, interpretá-las. Tal auxílio dos anciãos torna-se ainda mais indispensável, quando se sabe que, há cerca de 70 anos, caiu em desuso a oferta mútua de testos* (Vaz, 1969: 12-13).

Sustentando a inexistência de sinais gráficos e de que a troca de palavras enquanto fórmula de comunicação se revela insuficiente “por as levar o vento” (Vaz, 1969: 28), e com base no pressuposto de que a figuração de motivos humanos, animais, objectos ou elementos da natureza “constituem os

elementos de uma transmissão de ideias” (Vaz, 1969:12), se constrói a tese que dá lugar à interpretação teórica da pesquisa.

Os elementos esculpidos nos testos ou tampas de panela traduzem locuções proverbiais operando-se a explicação da mensagem por analogia directa ou com recurso à versão metafórica. Por exemplo, a figura de um cogumelo indica a presença de uma rapariga que os colheu, interpretando-se por extensão, o papel da mulher, enquanto agente produtivo (Vaz, 1969:13); de igual forma, a representação agrupada do “esquilo, árvore e toca” significa que, quando chove, o esquilo tem onde se abrigar (analogia directa), mas por via de uma interpretação metafórica poder-se-á dizer que, tal como quando chove o esquilo tem onde se abrigar, também a mulher maltratada pelo marido encontra protecção junto da família. (Fig. 3).

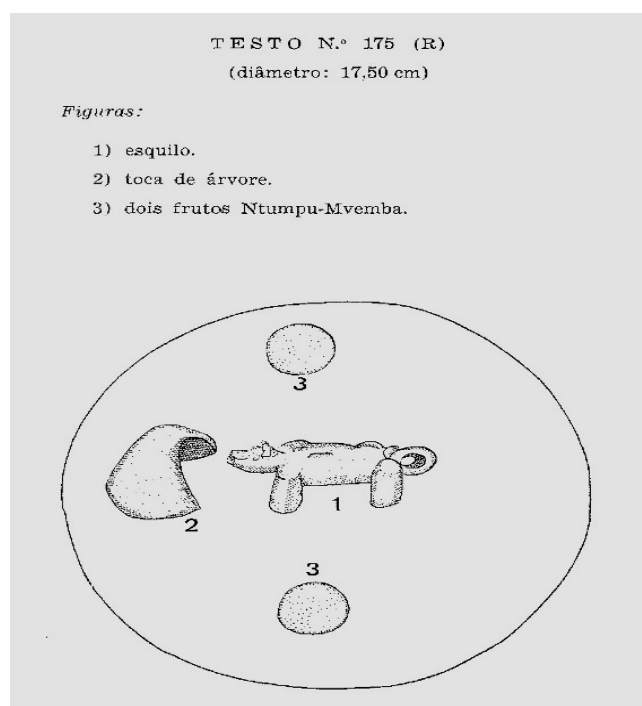


Fig. 3 - Testo oferecido pela mulher ao marido (Vaz, 1969: 497).

No primeiro volume da obra *Filosofia Tradicional dos Cabindas através dos seus Testos de Panela*, Vaz expressa as motivações e processos que conduziram à constituição da colecção, esclarece acerca dos conceitos orientadores da pesquisa e sobre a metodologia adoptada na estrutura da publicação.

O segundo volume retoma o mote de dar a conhecer a *Filosofia Tradicional dos Cabindas*, que também denomina *Sabedoria Popular*, com a compilação de três grandes categorias da oralidade Cabinda: 569 provérbios (*zi nongo*), 110 adivinhas (*bi nkamba*) e 20 fábulas (*bi savu*).

A investigação foi desenvolvida, escalonados os contextos operativos, associando os artefactos em cinco categorias de acordo com a identidade de quem desejava dar e a quem competia receber:

- 1 -Testos oferecidos pela família ao filho antes e depois do casamento.
- 2 -Testos oferecidos pela família à filha antes e depois do casamento.

3 -Testos oferecidos à mulher pelo homem.

4 -Testos oferecidos ao homem pela mulher.

5 -Testos oferecidos entre cônjuges, relativamente aos quais a falta de informação o impediu de estabelecer o género do cônjuge oferente e recebedor.

A este plano organizativo seguiu-se a numeração individual da colecção, aposta no anverso do artefacto, bem como uma atribuição numérica aos motivos esculpidos no verso, prevalecente no decurso da subsequente interpretação delineada nos seguintes termos:

- em cada testo era identificada a figura, ou figuras, e conferida a respectiva representação associada a um provérbio expresso em “fiote” ou “oio” (língua da região) seguido da versão em português, cuja correspondência surge, por vezes, explicitada;

- o passo seguinte consistiu na explicação do referido provérbio cujo sentido certamente se procurava esclarecer pelo recurso à comparação com um análogo provérbio português.

Estes são os dados e recursos que elucidam os fundamentos da oferta de testos ou tampas de panela na sociedade Cabinda: *Explicamos o testo. Fazemos a sua leitura, ligando entre si os vários provérbios, à semelhança de uma carta com introdução, parágrafos e saudação final* (Vaz, 1969:32).



Fig. 4. Testo oferecido pela família à filha. MAUC. D. 84.1.209.

Os símbolos numerados têm o seguinte significado e remetem para os provérbios correspondentes encerrando a mensagem: **O casamento tem as suas dificuldades.** (Fig. 4).

1 – Tartaruga

Nkuvu ui natina muanza.

A tartaruga leva a casa às costas.

Sentido: **Fica fiel ao teu marido. Não ligués aos outros homens.**

2 – Cogumelo

Vana bi lia buku, va ké muana nchientu.

Onde se comem cogumelos sinal que nessa casa há uma rapariga.

Sentido: **Sê boa dona de casa tendo sempre a comida pronta.**

3-4 – Ladra¹ e mão

Vana vissi baka lu kondo, ngeie koko?

Onde a ladra não chega, tu mão queres chegar?

Sentido: **Nunca queiras impor-te na vida familiar.**

5 – Garrafão

Teku chi ienda ku mazi chi mana búlika.

O garrafão de ir buscar água ficou partido. Acabou a questão.

Sentido: **Não liques a certas coisas que acontecem na vida de casados.**

6-7 – Sementes de macoba e de amendoim.

Mbongo mpinda i au i launduka, kaza nkongo i landukanga kó.

A semente do amendoim passa de um ano para o outro, mas a semente de macoba só dá durante um ano.

Sentido: **Não te consideres sem valor pois tens e muito.**

Tampas de panela noutros museus

Artefactos similares aos existentes no Museu Antropológico da Universidade de Coimbra, provenientes da mesma região, integram colecções de diversos museus tais como: Museu Nacional de Etnologia, Lisboa (Oliveira, 1972), Musée Royal de l’Afrique, Tervuren e National Museum of Ethnology, Leiden (Gerbrands, 1957), Museum of African Art, Washington D. C. (Mcguire, 1980), Museum of Primitive Art e Museum of Natural History de New York (Vaz, 1972) ou no Afrika Museum, Holanda (Vissers, 1987).

Apesar desta extensa produção, Lehuard (1989: 323) destaca o facto de que os Woyo representam uma ínfima parte do reino do Kongo, vinte vezes mais pequeno do que os povos Vili ou Yombe e Martins (1968: 17) explica que os melhores artistas se encontravam na aldeia de Kinzazi, junto à fronteira com o Kongo. No entanto, não conseguiu responder às interrogações que se colocaram quanto à originalidade destes artefactos ou se tinham sido inspirados em outros povos africanos afirmando que, de acordo com o que lhe foi dado observar e investigar, o simbolismo das tampas de panela estava circunscrito quase exclusivamente aos Congo e Woyo, ainda que com influência sobre outros povos ligados por fronteiras étnicas, os Vili, Lingue e Sundi (Martins, 1968: 21).

Conclusão

Para conhecer o uso das *Mabaia Manzungu* enquanto corpo de um *Tratado de Deveres e Direitos*, importou definir o discurso e inventariar os motivos que funcionavam como símbolos num diálogo sem palavras que lança

¹ Vara ou cana para apanhar fruta.

desafios ao conhecimento preciso da tradição oral, mais concretamente das locuções verbais que constituem o cerne das mesmas.

Sublinha-se de que forma provérbios, sentenças, contos e narrativas históricas estabelecem a grelha que permite aos iniciados, por si próprios ou com a ajuda do *nkotikuanda*, seleccionar o valor simbólico exacto que se adequa ao contexto da comunicação, apesar da extrema complexidade de conexões simbólicas representadas graficamente e das repetidas alusões aos costumes, à história e à cosmogonia.

A pesquisa de sobrevivências contemporâneas, a análise das instituições sociais cuja hierarquia se fundamentava sobre relações de parentesco, as colaborações, testemunhos e colecções de missionários e comerciantes, bem como o conhecimento de intérpretes e informadores, forneceram às fontes abordadas os princípios que transformavam as figuras num sistema de comunicação.

As tampas, como garantes do sistema tradicional familiar matrilinear, onde o chefe é o tio materno, remetem em sentido figurativo para desavenças, conflitos, rivalidades, ciúmes, conselhos ou advertências através de provérbios e adivinhas (Martins; Miranda, 2010).

A linguagem proverbial impressa nas tampas esculpidas, tal como acontece noutras sociedades de tradição oral com figurações concretas, sugere-nos uma analogia com o estudo efectuado por Chirinos (2004) sobre os pesos Ashanti, considerando que apesar da palavra ser silenciosa está sempre presente, materializada em objectos, formas e representações gráficas. Silenciosa, mas não menos eficaz ao incorporar em si as ideias-força que se tornam símbolos mais importantes do que a palavra enunciada (Serrano, 2001:19).

Nas fábulas recolhidas e nos contos populares dos Cabinda notam-se afinidades com narrativas doutras etnias de Angola e de outros países. O binómio antagónico de animais, uns espertos ou tolos, corpulentos e valentes e outros pequenos e fracos, são também temas recorrentes nas fábulas universais (Martins; Miranda, 2010).

O cruzamento entre aspectos socioculturais e transdisciplinares levam-nos a interrogar sobre questões de identidade local, global e diversidade cultural. Descodificada a face material e espiritual e quando a mensagem é alcançada, ter-se-á cumprido a função social e ritual que estivera na origem da sua concepção.

Créditos fotográficos: Carlos Caniçares Barata

REFERÊNCIAS:

. Chirinos, Lucia H. Borba. 2004. Arte e oralidade entre os Ashanti: classificação e interpretação dos pesos de ouro. *In: Revista do Museu de Arqueologia e Etnologia da Universidade de São Paulo (MAE/USP.)* [http://www.casadasafricas.org.br/site/index.php?id=banco_de_textos&sub=01&id_texto=201, acedido em 20.7.2009]

- . Gerbrands, A. A. 1957. *Art as an element of culture, especially in Negro-Africa*. Leiden, E. J. Brill.
- . Lehuard, Raoul. 1989. *Art Bakongo. Les centres de style*. Arnouville, Arts d' Afrique Noire. Volume 1-2.
- . Mcguire, Harriet. 1980. Woyo pot lids. *In: African Arts*, Vol. XIII, nº 2, p. 54-56.
- . Martins, Joaquim. 1968. *Sabedoria Cabinda, Símbolos e Provérbios*. Lisboa, Junta de Investigações do Ultramar.
- . Martins, Maria do Rosário; Miranda, Maria Arminda. 2010. *Histórias de bichos contadas na madeira*. Coimbra, Museu da Ciência da Universidade de Coimbra. (comunicação oral apresentada em 27.5.2010).
- . Oliveira, Ernesto Veiga (Coord.). 1972. *Povos e Culturas*. Lisboa, Museu de Etnologia do ultramar. Junta de Investigações do Ultramar.
- . Serrano, Carlos. 2000. O imaginário e o sentido do apotropaico no simbolismo gráfico da arte africana. *In: Perspectivas sobre Angola*. Coimbra, Departamento de Antropologia. Publ. Centro de Estudos Africanos, nº 18, p. 19-24.
- . Serrano, Carlos. 2002-2005. A dimensão ritual na solução de conflitos na justiça tradicional de sociedades africanas. *In: Revista do Centro de Estudos Africanos*. S. Paulo, USP, nºs 24, 25-26, P. 163-173.
- . Vaz, José Martins. 1969. *Filosofia Tradicional dos Cabindas*. Lisboa, Agência Geral do Ultramar, I Volume.
- . Vaz, José Martins. 1970. *Filosofia Tradicional dos Cabindas através dos seus textos de panela, provérbios, adivinhas e fábulas*. Lisboa, Agência Geral do Ultramar, Volume 1-2.
- . Vaz, José Martins. 1970a. *No mundo dos Cabindas*. Lisboa, Editorial LIAM. I Volume.
- . Vaz, José Martins. 1972. *Testos de panela dos Cabindas em Museus Americanos*. Lisboa, Editorial LIAM. Separata da Revista Portugal em África.
- . Vissers, Jan. 1987. *Spreekwoorden in Beeld : een aparte Kunst uit Cabinda*. Berg en Dal, Afrika Museum.